

Os impactos da desterritorialização do consumo de mídia e notícias na formação da opinião pública e na definição da agenda pública do Alto Vale do Itajaí/SC.

Rafaela Sandrini Goedert¹
Clóvis Reis²

Resumo

Os meios de comunicação social eram, até recentemente, os principais circuladores da informação pública. Neste contexto, as mídias tradicionais locais tinham uma importante atuação na definição da agenda pública regional, orientando o debate público de acordo com as pautas que moldavam determinada comunidade. Nas últimas décadas, entretanto, a digitalização e a globalização da comunicação introduziram novos fluxos de informação que ultrapassam as fronteiras geográficas, permitindo o acesso a conteúdos de diversas fontes. Os veículos de mídia local enfrentam uma crise e as questões exógenas às comunidades passaram a competir com as questões locais pela atenção dos consumidores. Dentro deste quadro, este estudo tem como objetivo geral analisar em que medida a desterritorialização do consumo de mídia e notícias afeta a definição da agenda pública do Alto Vale do Itajaí/SC. A hipótese é que, no momento em que se desterritorializa o consumo da mídia e das notícias, ocorre um processo de deslocalização da agenda e da opinião pública, o que incide sobre a pauta do desenvolvimento regional. No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma pesquisa básica, quali-quantitativa e exploratória-descritiva.

Palavras-chave: Desterritorialização. Consumo de Mídia. Opinião Pública. Desenvolvimento Regional. Alto Vale do Itajaí.

¹ Doutoranda em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, Brasil. E-mail: rafaelasandrini@unidavi.edu.br.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, Brasil. E-mail: clovis@furb.br.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

The impacts of the deterritorialization of media and news consumption on the formation of public opinion and the definition of the public agenda in Alto Vale do Itajaí/SC.

Abstract

Until recently, the media were the main circulators of public information. In this context, traditional local media played an important role in defining the regional public agenda, guiding the public debate according to the agendas that shaped a given community. In recent decades, however, the digitalization and globalization of communication have introduced new flows of information that have transcended geographic borders, allowing access to content from diverse sources. Local media outlets are facing a crisis and issues exogenous to communities have started to compete with local issues for consumer attention. Within this framework, this study has the general objective of analyzing the extent to which the deterritorialization of media and news consumption is related to the definition of the public agenda in Alto Vale do Itajaí/SC. The hypothesis is that, when the consumption of media and news is deterritorialized, a process of shifting the agenda and public opinion occurs, which affects a regional development agenda. Not regarding the methodology, it is a basic, qualitative-quantitative and exploratory-descriptive research.

Keywords: Deterritorialization. Media Consumption. Public opinion. Regional development. Alto Vale do Itajaí.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

1 Introdução

Até recentemente, os meios de comunicação social tradicionais eram os principais veículos de circulação da informação pública, desempenhando um papel crucial na formação da opinião pública e na definição da agenda pública (McCombs; Shaw, 1972). Ao apresentar temas ao público, esses meios moldavam a maneira como as pessoas pensavam e se posicionavam, influenciando diretamente as prioridades de uma sociedade e as opiniões sobre determinados temas (Lippmann, 2008).

Neste contexto, as mídias tradicionais locais tinham uma importante atuação no agendamento da opinião pública. Jornais, rádios e televisões destacavam questões, problemas e debates que influenciavam diretamente a definição da agenda pública regional, orientando o debate público de acordo com as necessidades e interesses específicos da comunidade, fortalecendo, assim, a coesão social e a identidade regional (Buchanan, 2009).

Nas últimas décadas, entretanto, houve uma revolução no campo da comunicação, que transformou radicalmente o espaço e o tempo (Castells, 2022). A digitalização e a globalização da comunicação introduziram novos fluxos de informação que ultrapassam as fronteiras geográficas, permitindo o acesso a conteúdos de diversas fontes. E esse intenso processo de desterritorialização da produção e consumo de mídia e notícias vem redefinindo a maneira como as pessoas consomem informações e constroem suas opiniões.

Todas essas transformações tiveram um impacto significativo nos veículos de mídia local, que perderam audiência, faturamento e empregos. Como resultado, muitos reduziram ou, até mesmo, encerraram as atividades (Grieco, 2020a). Essa

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

nova realidade criou desertos de notícias (Abernathy, 2018, 2020), regiões onde há uma escassez de cobertura jornalística local de qualidade - problema que foi acentuado pela pandemia de Coronavírus (Hare, 2020a; 2020b; Mathews, Ali, 2023).

Além disso, as mídias locais agora enfrentam uma concorrência cada vez maior de grandes grupos que atuam em nível nacional ou global. Essa dinâmica desigual contribui ainda mais para a diminuição da circulação e do consumo de informações locais. Como resultado, a influência da mídia local no agendamento da opinião pública foi impactada, e as questões globais passaram a competir com as questões locais pelo espaço na atenção dos consumidores de mídia (Funk; McCombs, 2015).

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é discutir em que medida a desterritorialização do consumo de mídia e notícias afeta a definição da agenda pública do Alto Vale do Itajaí, região do interior do estado de Santa Catarina. Para alcançar esse objetivo geral, será discutido o atual processo de desterritorialização do consumo de mídia e notícias e o impacto da perda das notícias locais na opinião pública e na agenda pública local.

Compreender o impacto da desterritorialização do consumo de mídia na formação da opinião pública e na definição da agenda pública de comunidades locais é importante na medida em que tais discussões podem oferecer uma visão mais aprofundada de como se dão as dinâmicas econômicas, sociais e políticas locais, dentro de um mundo globalizado e mediado pela comunicação.

Além disso, a análise dos impactos da desterritorialização do consumo de mídia e notícias na definição das agendas públicas locais pode fornecer reflexões importantes sobre os processos de tomada de decisão, o papel dos diferentes

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

atores sociais e as relações de poder presentes nessas comunidades. Compreender como certos temas ganham destaque na esfera pública, enquanto outros são negligenciados ou marginalizados, pode revelar dinâmicas de inclusão e exclusão social, bem como desigualdades de representação e acesso aos meios de comunicação e informação.

2 A desterritorialização do consumo de mídia e notícias

Antes de se debater a desterritorialização do consumo de mídia e notícias, é crucial estabelecer uma compreensão de alguns conceitos fundamentais que moldam esta discussão, como território e territorialização, já que, segundo Haesbaert (2019, p.35), se existe uma desterritorialização, ela sempre está referida a uma determinada concepção de território. Estes conceitos, profundamente enraizados nas dinâmicas de poder e identidade, fornecem a perspectiva através da qual se pode examinar como as transformações na mídia e nos fluxos da informação transcendem as fronteiras geográficas e culturais tradicionais.

E, apesar de ser uma discussão central no campo da Geografia, outras áreas do saber também têm se debruçado sobre os conceitos de território e territorialidade, cada uma delas abordando o tema sob determinado enfoque.

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (Haesbaert, 2019, p. 37).

De acordo com Haesbaert (1999, p.9), o homem nasceu com o território e o território nasceu com a civilização. Para ele, os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem e se apropriarem deste espaço, constroem e passam a ser construídos pelo território. Sendo assim, no território, o espaço material tornar-se-ia uma mediação na construção das relações de poder (Ibidem).

o território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza); o território possui tanto uma dimensão mais subjetiva, que propomos denominar de comciência, apropriação subjetiva ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva, que propomos denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-econômica' (HAESBAERT, 1999, p.10).

Para o geógrafo brasileiro, o território não deve ser confundido com a materialidade do espaço socialmente construído nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade. O território é sempre “apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado (e não simplesmente construído) [...]” (Ibidem).

Raffestin (1993, p.143), ao debater o assunto, destaca que é preciso não confundir espaço com território, já que o espaço é anterior ao território. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (Ibidem).

Lefebvre (1974, p.77), em sua teoria espacial, também argumenta que o espaço social é um produto social, ou seja, o espaço é produzido pelas atividades sociais e tem tanto impacto sobre essas atividades quanto é impactado por elas: "O espaço social contém uma grande diversidade de objetos, tanto naturais quanto sociais, incluindo as redes e caminhos que facilitam a troca de coisas materiais e informações. Tais 'objetos' são, portanto, não apenas coisas mas também relações" (Ibidem).

Sendo assim, de acordo com Santos (1994, p.15), “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. [...] O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida”. Conforme Haesbaert (1999, p.15), a construção do território é resultado de duas principais dimensões:

uma mais material e ligada à esfera político-econômica, outra mais imaterial ou simbólica, ligada sobretudo à esfera da cultura e do conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social. Assim, temos a princípio três possibilidades na fundamentação dos territórios, conforme eles estejam mais ligados a uma ou outra destas três esferas da sociedade. Num sentido mais material-funcionalista, o território pode estar vinculado tanto ao exercício do poder e ao controle da mobilidade via fortalecimento de fronteiras, quanto à funcionalidade econômica que cria circuitos relativamente restritos para a produção, circulação e consumo. Num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais.

Já a territorialidade, segundo Sack (1983, p.1), diz respeito às ações e relações de um território e está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

A desterritorialização, por sua vez, está intimamente relacionada ao processo de modernidade e globalização (Staloch; Reis, 2015). Conforme Haesbaert (2019), muitos cientistas e antropólogos sociais têm proclamado a desterritorialização como característica central dos processos culturais contemporâneos. Kaplan (1990, p.358), por exemplo, diz que a “desterritorialização é um termo para o deslocamento de identidades, pessoas e significados que é endêmico ao sistema do mundo pós-moderno”. Mas, conforme observa Haesbaert (2019), anteriormente, pouca alusão se fazia a esta territorialização cultural da modernidade. Para o geógrafo brasileiro, podemos identificar como quase sinônimos de desterritorialização a desvinculação cultural de espaços específicos e a mescla de identidades ou o hibridismo como norma cultural dominante.

Segundo Canclini (1997, p.28), hoje há uma redefinição do senso de pertencimento e de identidade, que deixa as lealdades locais e nacionais pelas comunidades transnacionais ou desterritorializadas de consumidores. Temos, como exemplo, a preferência dos jovens em torno do rock ou os telespectadores que assistem os programas da CNN, que são transmitidos por satélite.

Conforme Canclini (1990, 1995, 1997 apud Haesbaert, 2019), na segunda metade do século XX as modalidades audiovisuais e massivas de organização da cultura foram subordinadas a critérios empresariais de lucro e houve um ordenamento global que desterritorializou os conteúdos e as formas de consumo. Ocorreu, assim, uma padronização mercantil das formas de consumo.

Entretanto, não se pode falar de desterritorialização sem falar em reterritorialização pois, para Haesbaert (2019), onde existe desterritorialização há também reterritorialização. Conforme o geógrafo brasileiro, a criação dos Estados

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

nações modernas representa um processo culturalmente ambivalente, que atua simultaneamente como uma força desterritorializadora e reterritorializadora. De acordo com ele, as sociedades nacionais, “ao mesmo tempo em que dissolvem antigos laços territorializadores, criam novos, inicialmente mais gerais e abstratos, certamente, mas que com o tempo revelam um profundo sentido reterritorializador” (Haesbaert, 2019, p.218). Com a revalorização de certos ambientes culturais, o autor divisa também a “reterritorialização” com movimentos sociais e meios de comunicação que enfatizam a cultura local e regional.

Dessa forma, mesmo com o processo de globalização que ameaça homogeneizar culturalmente as comunidades locais, regionais e nacionais:

[...] os vínculos da cultura com a localização podem nunca ser completamente rompidos e a localidade continua a exercer suas reivindicações por uma situação física no nosso mundo vivido. Assim, a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas sua transformação em um espaço cultural mais complexo (TOMLINSON, 1999, p. 148-149).

Enfim, a tensão entre desterritorialização e reterritorialização, para Haesbaert (2019), é um dos caminhos mais promissores para entender as entradas-saídas da modernidade.

2.1 A crise na mídia tradicional

Nas últimas décadas, houve uma revolução no campo da comunicação, impulsionada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e pelas Redes Sociais Virtuais (RSV's). Vivemos o que Castells (2022, p. 12) chama de sociedade em rede, em que o novo sistema de comunicação:

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

[...] transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares (Castells, 2022, p. 458).

Nesse novo sistema de comunicação - caracterizado pelo alcance global, integração de todos os meios de comunicação e geração de uma virtualidade real (*Ibidem*), já não é preciso estar próximo fisicamente para manter relações e é possível compartilhar informações de forma instantânea e simultânea com milhões de pessoas quase em qualquer parte do mundo (Staloch; Reis, 2015, p.32). Concretiza-se o que o teórico da comunicação McLuhan (2007) vislumbrou no início dos anos 1960, em que “a nova interdependência eletrônica cria o mundo à imagem de uma aldeia global”. E nesse mundo globalizado e interconectado, há um intenso processo de desterritorialização da produção e consumo de mídia e notícias, ultrapassando as fronteiras geográficas e redefinindo a maneira como as pessoas consomem informações e constroem suas opiniões.

Essa mudança teve um impacto significativo nos veículos de mídia tradicionais, que perderam audiência, empregos e faturamento. De acordo com dados do Pew Research Center - um centro de estudos apartidário que conduz pesquisas sobre questões, atitudes e tendências que moldam o mundo - as receitas e circulação dos jornais e o tráfego de audiência dos sites nos EUA caíram drasticamente desde meados dos anos 2000, quando a publicidade, a circulação e o emprego nos jornais estavam em níveis máximos ou próximos deles (Abernathy, 2020, p.5).

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

A receita total estimada de publicidade para a indústria estadunidense de jornais em 2022 foi de US\$ 9,8 bilhões, com base na análise do Centro de Demonstrações Financeiras para empresas de jornais de capital aberto. Isso significa uma queda de apenas 5% em relação a 2021. Entretanto, numa perspectiva mais longitudinal, entre 2008 e 2018, a receita de publicidade caiu de US\$ 37,8 bilhões para US\$ 14,3 bilhões, um declínio de 62% (Pew Research Center, 2023).

O tráfego de audiência dos sites da indústria jornalística dos EUA também está diminuindo. No quarto trimestre de 2022 houve uma média de 8,8 milhões de visitantes únicos mensais (em todos os dispositivos) para os 50 principais jornais diários dos EUA. Isso é uma queda de 20% em relação a 2021, que por si só foi uma queda de 20% em relação a 2020.

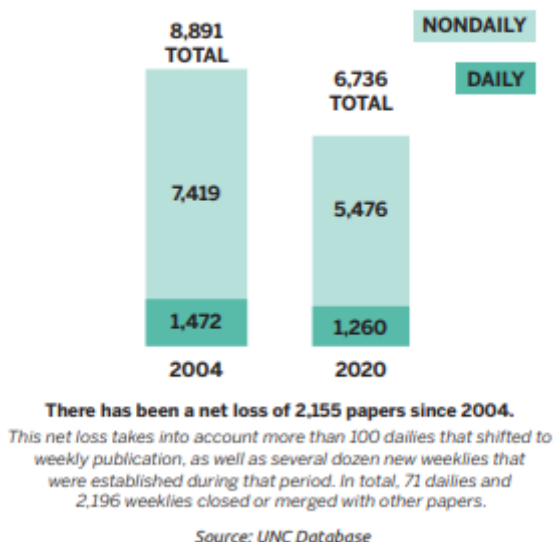
Como resultado desse preocupante cenário, muitos veículos jornalísticos reduziram ou, até mesmo, encerraram as atividades. Em 2022, a circulação total estimada de jornais diários nos EUA (impressos e digitais combinados) foi de 20,9 milhões, tanto nos dias úteis quanto nos domingos, uma queda de 8% e 10%, respectivamente, em relação a 2021, e o nível mais baixo desde 1940, o primeiro ano com dados disponíveis (Pew Research Center, 2023).

Nos últimos 15 anos, os Estados Unidos perderam 2.100 jornais e, a maior parte das perdas ocorreram em semanários de comunidades com dificuldades econômicas (Abernathy, 2020, p.9).

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Figura 1 - Número total de jornais nos EUA entre 2004 e 2020



Fonte: UNC Hussman School of Journalism and Media (2020).

Essa nova realidade criou o que a jornalista e pesquisadora Penélope Muse Abernathy (2020, p.18) chamou de desertos de notícias, “uma comunidade, rural ou urbana, onde os residentes têm acesso muito limitado ao tipo de notícias e informações confiáveis e abrangentes que alimentam a democracia ao nível popular”. De acordo com a pesquisadora, atualmente, mais de 200 dos 3.143 condados dos EUA não têm jornais nem fontes alternativas de informações credíveis e abrangentes sobre questões críticas. Metade dos condados tem apenas um jornal e dois terços não têm jornal diário.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Figura 2 - Mapa dos Desertos de Notícias nos EUA



Fonte: UNC Hussman School of Journalism and Media (2020)

No Brasil o cenário também é preocupante. De acordo com a 6ª edição do Atlas da Notícia - censo realizado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) para mapear a presença do jornalismo local no Brasil -, em 2023 houve uma redução de 8,6% no total de desertos de notícias no país. “São 256 municípios a menos na conta. Ainda assim, restam 2.712 cidades e 26,7 milhões de brasileiros que nelas habitam sem acesso a notícias sobre o lugar onde vivem” (Lüdtke; Spagnuolo, 2023).

De acordo com o Atlas, a expansão do digital e a identificação de rádios comunitárias que produzem conteúdo noticioso impulsionou a redução dos

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

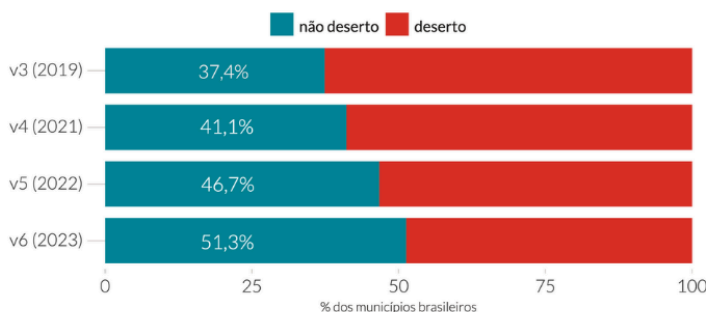
Florianópolis (SC) – 2024

desertos. Em comparação com o mapeamento anterior, de 2022, o Atlas da Notícia acrescentou mais 575 iniciativas nativas digitais e 239 rádios a sua base de dados.

Figura 3 - Desertos de Notícias no Brasil

Desertos encolhendo

Comparativo percentual entre não desertos e desertos de notícia no Brasil, considerando os 5.570 municípios



Nota: Para este gráfico, considere como "não desertos" municípios com ao menos 1 veículo mapeado

ATLAS DA NOTÍCIA

Fonte: Projor (2023).

No que diz respeito ao fechamento de veículos no Brasil, em 2023 foram identificadas 39 organizações jornalísticas que encerraram as suas atividades. Com essas, são 942 as organizações registradas na base de dados e que foram fechadas nos últimos anos. “Os veículos impressos lideram essa triste estatística, com 532 fechamentos, mas há também na lista 317 iniciativas online, o que demonstra a fragilidade de parte desses empreendimentos” (Lüdtke; Spagnuolo, 2023).

Além de fecharam jornais não rentáveis ou recorreram a medidas de redução de custos para manter a rentabilidade, eliminando a circulação impressa, por exemplo, as empresas jornalísticas também demitiram jornalistas e, por conta

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

disso, muitos empregos foram perdidos (Abernathy, 2020, p.21). O emprego em redações de jornais dos EUA caiu 51% entre 2008 e 2019, de cerca de 71.000 trabalhadores para 35.000 (Grieco, 2020b). E a maioria dos adultos dos EUA (71%) acreditam que suas mídias locais estão bem financeiramente e não estão cientes da terrível situação econômica que as organizações noticiosas locais enfrentam (Abernathy, 2020, p.5).

Em paralelo a este cenário de crise dos meios de comunicação tradicionais, as plataformas de mídia social têm se tornado cada vez mais uma parte importante da dieta de notícias das pessoas.

[...] em 2011, os hábitos dos leitores mudaram, com mais pessoas a receberem notícias online do que num jornal. Os anunciantes seguiram os leitores, causando o colapso do modelo de negócios impresso. Para complicar as coisas, os jornais tiveram muita dificuldade em fazer a transição para modelos de negócios digitais, uma vez que o Facebook e o Google recebem a maior parte de todas as receitas digitais, mesmo nos mercados mais pequenos (Abernathy, 2020, p.22).

De acordo com uma pesquisa feita pelo Pew Research Center com cerca de 10.000 adultos, nos EUA, em março de 2024, metade dos adultos dizem que recebem notícias pelo menos às vezes das mídias sociais em geral. O estudo, que buscou investigar como os americanos recebem notícias no TikTok, X, Facebook e Instagram, descobriu que a maioria dos usuários em todos os quatro sites diz que vê pessoas expressando opiniões sobre eventos atuais e postagens engraçadas que fazem referência a eventos atuais (Shearer et. al., 2024).

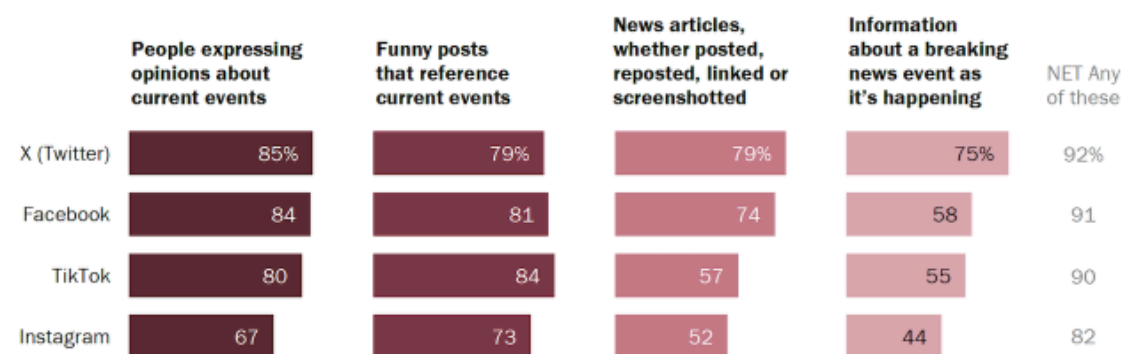
Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Figura 4 - Conteúdos consumidos pelos usuários de mídias sociais nos EUA.

Across platforms, most users see opinions and funny posts on current events

% U.S. users of each social media platform who say they ever see ___ on the platform



Source: Pew Research Center survey of U.S. adults conducted March 18-24, 2024.
"How Americans Get News on TikTok, X, Facebook and Instagram"

PEW-KNIGHT INITIATIVE

Fonte: Pew Research Center (2024).

O crise da indústria jornalística foi, ainda, acentuada pela pandemia de Coronavírus (Hare, 2020a; 2020b; Mathews, Ali, 2023), com pelo menos 30 jornais encerrados ou fundidos em abril e maio de 2020, dezenas de jornais mantendo apenas a edição online e milhares de jornalistas em meios tradicionais e digitais sendo demitidos (Abernathy, 2020, p.8).

O negócio da mídia noticiosa estava instável antes do coronavírus começar a se espalhar pelo país no mês passado. Desde então, a crise econômica que deixou 30 milhões de americanos sem trabalho levou a cortes salariais, despedimentos e encerramentos em muitos meios de comunicação, incluindo semanários como The Stranger in Seattle, impérios digitais como Vox Media e Gannett, o maior jornal do país [...] Ao todo, cerca de 37.000 funcionários de empresas de comunicação social

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

nos Estados Unidos foram despedidos, dispensados ou tiveram os seus salários reduzidos desde a chegada do coronavírus (TRACY, 2020).

Além de tudo disso, as mídias locais agora enfrentam uma concorrência cada vez maior de grandes grupos que atuam em nível nacional ou global. De acordo com Abernathy (2020, p.8), o processo de derrocada dos jornais locais foi seguido, também, pela consolidação das grandes cadeias que, apoiadas por empresas de capital privado e fundos de hedge, correram para fundir-se com as últimas empresas de capital aberto sobreviventes e formar grandes cadeias com centenas de jornais. Como consequência, segundo a autora, a gestão concentrou-se no retorno dos acionistas em detrimento do dever cívico do jornalismo.

Apesar do universo cada vez menor de jornais sobreviventes, as cadeias são maiores do que nunca – e estão preparadas para crescer ainda mais, com a criação de um punhado de mega cadeias altamente alavancadas formadas pela união de grandes empresas jornalísticas de capital aberto com grandes fundos de hedge e empresas de capital privado. A consolidação maciça na indústria jornalística transferiu as decisões editoriais e empresariais para algumas grandes empresas sem fortes laços com as comunidades onde os seus jornais estão localizados (Abernathy, 2020, p.10).

A gama quase infinita de opções de meios de comunicação agora disponíveis para os consumidores força os meios de comunicação locais a uma competição constante e direta com opções mais bem financiadas e mais refinadas (Shaker, 2009). Essa dinâmica desigual contribui ainda mais para a diminuição da circulação e do consumo de informações locais, já que o público pode consumir notícias dos mais diversos lugares. E, conforme Abernathy (2020, p.5), a perda de notícias locais tem implicações políticas, sociais e econômicas significativas para a democracia e para a sociedade.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

3 A perda das notícias locais e o impacto na opinião pública e na agenda pública local

À medida que as fronteiras tradicionais de consumo de mídia se desfazem, as audiências locais são cada vez mais bombardeadas com temas que, embora ressoem globalmente, podem ter pouca relevância direta para as prioridades e necessidades locais.

Sendo assim, a desterritorialização do consumo de mídia e notícias não é apenas uma transformação midiática, mas também um fenômeno com profundas implicações políticas, sociais e econômicas. À medida que os meios de comunicação locais enfrentam declínios em audiência, empregos e receita e que emergem os desertos de notícias, a escassez de cobertura jornalística local afeta diretamente a democracia e a estrutura social, já que uma comunidade bem informada é o fundamento de qualquer sociedade democrática.

O processo de desterritorialização do consumo de mídia e notícias, além de enfraquecer as comunidades (Mathews, 2020), ao diluir a relevância das questões locais frente aos temas exógenos que invadem a esfera pública local, traz riscos à democracia e à participação cidadã de diversas formas.

Mathews (2020), por exemplo, investigou o impacto percebido do fechamento do jornal Caroline Progress - após 99 anos de serviço ao Condado de Caroline, no estado da Virgínia, EUA - na vida cotidiana dos membros da comunidade. Os resultados demonstram um impacto negativo no senso de comunidade dos membros, com os participantes perdendo eventos comunitários e observando o aumento do isolamento e a diminuição do orgulho em sua

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

comunidade. As descobertas também mostram o impacto na vida quotidiana dos residentes, com um participante a declarar que “a vida é mais difícil” sem o jornal.

O fechamento de jornais também resulta em públicos menos informados. De acordo com pesquisa realizada por Shaker (2009), o acesso aos meios de comunicação social influencia significativamente o conhecimento político local dos cidadãos. Dessa forma, as mudanças no ambiente midiático têm implicações tangíveis para a política local.

A crise da mídia local também pode aumentar comportamentos eleitorais polarizados. Conforme os estudos de Darr, Hitt e Dunaway (2018, p.6), na ausência de um jornal local, uma exposição mais regular às notícias nacionais promove a polarização do público por dois motivos. O primeiro deles é que os meios de comunicação nacionais cobrem principalmente políticos, eleições e questões, e as elites nacionais estão profundamente polarizadas em linhas partidárias.

O segundo motivo para o aumento do comportamento eleitoral polarizado é que a mídia noticiosa nacional está propensa a cobrir os aspectos mais controversos da política partidária nacional. E isto contrastaria com a cobertura jornalística local dos representantes políticos, que se concentra nas suas ações como agentes locais e menos na cobertura do jogo político.

Ainda no que diz respeito às consequências políticas do declínio dos jornais locais, Rubado e Jennings (2019) argumentam que a perda da experiência profissional na cobertura do governo local - ocasionada pelas demissões nas redações - tem consequências negativas para a qualidade da política municipal porque os cidadãos ficam menos informados sobre as políticas e eleições locais. Os

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

autores também encontraram evidências sugestivas de que níveis mais baixos de pessoal nas redações estão associados a uma menor participação eleitoral.

Os autores argumentam que, quando os funcionários do governo local são sujeitos ao escrutínio público regular pelos jornais, os cidadãos têm mais condições de responsabilizá-los, levando ao surgimento de candidatos desafiantes, a eleições locais mais competitivas e a cidadãos mais empenhados que acabam votando.

Além disso, a redução na cobertura de governos municipais aumenta o risco de corrupção e desperdício de dinheiro dos contribuintes. De acordo com Waldman (2011), as consequências da falta da cobertura jornalística local podem ser vistas em cidades como Bell, na Califórnia, onde o chefe administrativo da cidade e o chefe de polícia recebiam salários exorbitantes. O Los Angeles Times divulgou a história em junho de 2010 – e ganhou o Prêmio Pulitzer por isso –, mas o escândalo vinha acontecendo desde pelo menos 2005. “Nenhum repórter cobriu regularmente o governo da cidade de Bell durante esse período. Se houvesse pelo menos um único repórter regular, há uma probabilidade razoável de que os contribuintes teriam poupado grande parte do seu dinheiro. Os US\$ 5,6 milhões que as autoridades embolsaram” (Waldman, 2011, p.12).

Outras possíveis implicações do deslocamento das audiências locais, conforme Darr, Hitt e Dunaway (2018, p.4), ainda podem incluir perdas no rastreamento e prevenção local de doenças, nas respostas a desastres naturais e na conscientização sobre intervenções de saúde pública.

4 Considerações finais

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Diante dessas discussões, percebe-se que o processo de desterritorialização do consumo de mídia e notícias e crise da mídia local coloca em xeque a capacidade das comunidades de se mobilizarem em torno de uma agenda local, criando um desafio significativo: como manter as questões locais em destaque quando a audiência está imersa em uma agenda global?

Sem acesso a notícias locais confiáveis, os cidadãos podem se encontrar desprovidos dos recursos necessários para tomar decisões importantes sobre questões que afetam diretamente suas vidas e comunidades. Conforme discutido neste trabalho, isso não apenas compromete a agenda pública local, mas também pode levar a uma queda da participação cívica, queda na qualidade das eleições e política municipais e ao declínio da responsabilidade e transparência governamental. Portanto, entender como a desterritorialização do consumo de mídia e notícias impacta a formação da opinião pública e a definição da agenda pública local é crucial para avaliar as consequências a longo prazo para a coesão comunitária e para a governança democrática.

Referências

ABERNATHY, Penelope Muse. *O deserto de notícias em expansão*. Centro para Inovação e Sustentabilidade em Mídia Local, Escola de Mídia e Jornalismo, Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. 2018. Disponível em: https://www.cislm.org/wp-content/uploads/2018/10/The-Expanding-News-Desert-10_14-Web.pdf

_____. *Desertos de notícias e jornais fantasmas: as notícias locais sobreviverão?* Centro para Inovação e Sustentabilidade em Mídia Local, Escola de Mídia e Jornalismo, Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. 2020. Disponível em:

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

https://www.usnewsdeserts.com/wp-content/uploads/2020/06/2020_News_Deserts_and_Ghost_Newspapers.pdf.

BUCHANAN, Carrie. Sense of place in the daily newspaper. 2009. *The Journal of Media Geography*, 4(Spring): 62–82.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 24ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

DARR, Joshua; HITT, Matthew; DUNAWAY, Johanna. Newspaper Closures Polarize Voting Behavior. *Journal of Communication*, Volume 68, Issue 6, 1007–1028, dezembro de 2018.

FUNK, Markus; MCCOMBS, Maxwell. Strangers on a theoretical train: inter-media agenda setting, community structure, and local news coverage. *Journalism Studies*, 18(7), 845-865, novembro de 2015.

GRIECO, Elizabeth. Fast facts about the newspaper industry's financial struggles as McClatchy files for bankruptcy. *Pew Research Center*, 2020a, 14 de fevereiro.

Disponível em:

<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/02/14/fast-facts-about-the-newspaper-industry's-financial-struggles/>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

_____. 10 charts about America's newsrooms. 2020b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/04/28/10-charts-about-americas-newsrooms/>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

_____. Região, diversidade territorial e globalização. *GEOgraphia*, 1 (1), p. 15-39, 1999.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

HARE, Kristen. The coronavirus has closed more than 30 local newsrooms across America. And counting. Poynter. (2020a). Disponível em: <https://www.poynter.org/locally/2020/the-coronavirus-has-closed-more-than-25-local-newsrooms-across-america-and-counting/>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

_____. Here are the newsroom layoffs, furloughs and closures caused by the coronavirus. Poynter, 6 April. (2020b). Disponível em: <https://www.poynter.org/business-work/2020/here-are-the-newsroom-layoffs-furloughs-and-closures-caused-by-the-coronavirus/>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

KAPLAN, Caren. *Questions of Travel: Postmodern Discourses of Displacement*. Duke University Press, 1990.

LEFEBVRE, Henri. *The production of the space*. Oxford: Blackwell, 1974.

LIPPMAN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LÜDTKE, Sérgio; SPAGNUOLO, Sérgio. *Brasil tem redução de 8,6% nos desertos de notícias em 2023, mas jornalismo local precisa de incentivo*. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v6/brasil-tem-reducao-de-8-6-nos-desertos-de-noticias-em-2023-mas-o-jornalismo-local-precisa-de-incentivo/>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

MATHEWS, Nick. Life in a news desert: The perceived impact of a newspaper closure on community members. 2020. *Journalism*, 23 (6), 1250–1265. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884920957885#:~:text=Newspaper%20closures%20have%20led%20to,2013%3B%20Shaker%2C%202014\)](https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884920957885#:~:text=Newspaper%20closures%20have%20led%20to,2013%3B%20Shaker%2C%202014).). Acesso em 13 de agosto de 2024.

MATHEWS, Nick; ALI, Christopher. Desert Work: Life and Labor in a News and Broadband Desert. *Mass Communication and Society*, 2023, 26 (5), 727–747.

Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15205436.2022.2093749>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-182, 1972.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007.

PEW RESEARCH CENTER. *Newspapers Fact Sheet*. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/journalism/fact-sheet/newspapers/#:~:text=The%20total%20estimated%20advertising%20revenue,from%202021%2C%20a%20slight%20drop>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

PROJOR. *Atlas da Notícia*. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RUBADO Meghan; JENNINGS, Jay. Political Consequences of the Endangered Local Watchdog: Newspaper Decline and Mayoral Elections in the United States. 2019. *Urban Affairs Review* 56(5): 1327–1356. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1078087419838058>. Acesso em 9 de agosto de 2024.

SACK, Robert David. Human Territoriality: A Theory. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 73, no. 1, 1983, pp. 55–74. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2569346>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia (orgs.) *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994, pp. 15-20.

SHAKER, Lee. Citizens' local political knowledge and the role of media access. *Journalism & Mass Communication Quarterly* 86(4): 809–826. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254120536_Citizens'_Local_Political_Knowledge_and_the_Role_of_Media_Access. Acesso em 13 de agosto de 2024.

SHEARER, Elisa; NASEER, Sarah; LIEDKE, Jacob; MATSA, Katerina Eva. *How Americans Get News on TikTok, X, Facebook and Instagram*. Disponível em:



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

<https://www.pewresearch.org/journalism/2024/06/12/how-americans-get-news-on-tiktok-x-facebook-and-instagram/>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

STALOCH, Rubens; REIS, Clóvis. A mediação das relações sociais nas redes sociais virtuais: do ciberespaço ao ciberterritório. *Estudos em Comunicação*, nº 20, 31-52, dezembro de 2015.

TOMLINSON, John. *Globalization and culture*. Chicago: Chicago University Press, 1999

TRACY, Marc. *News Media Outlets Have Been Ravaged by the Pandemic*. 2020.

Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2020/04/10/business/media/news-media-coronavirus-jobs.html>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

WALDMAN, Steven. The information needs of communities. 2011. *Federal Communications Commission*. Disponível em: https://transition.fcc.gov/osp/inc-report/The_Information_Needs_of_Communities.pdf. Acesso em 13 de agosto de 2024.

